



**PROFESSOR CRÍTICO: aluno pensante**

**CRITICAL TEACHER: thinking student**

Nayane Caroline Ludwig Staffen<sup>1</sup>  
Marguit Carmem Goldmeyer<sup>2</sup>

**Resumo:** Objetiva-se compreender aspectos da prática escolar que possibilitam a formação de opinião dos discentes. O jovem atual, mais do que nunca, deve ser envolvido em práticas que desenvolvam seu senso argumentativo, uma vez que está inserido em uma sociedade líquida. Para isso, o professor possui papel fundamental. A partir da observação e a mediação de quatro aulas em uma turma de primeiro ano do Ensino Médio em uma cidade da encosta da Serra, foram destacados tópicos importantes para o desenvolvimento do pensamento crítico. Os responsáveis pela prática foram os estudantes da turma: Laboratório de Experiências de Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa, do Ensino Superior, no Rio Grande do Sul. Dessa forma, observa-se que a prática escolar é essencial para a formação de opinião, que pode ser estimulada por diferentes fatores, dentre eles: escuta, criticidade e diálogo.

**Palavras-chave:** Formação de opinião. Prática escolar. Criticidade. Escuta. Diálogo.

**Abstract:** The aim is to understand the aspects of school practice that enable the formation of students' opinions. The youth of today, more than ever, must be involved in practices that develop their argumentative sense, since they are inserted in a liquid society. For this, the teacher has a fundamental role. From the observation of classes and the mediation of others in a First Year High School class in a mountain range city were highlighted important topics for critical thinking development. The practice was developed on the subject of Portuguese Language Teaching and Learning Experience Laboratory in a college in Rion Grande do Sul. In this way, it is observed that the practice is essential to form opinion which can be stimulated by different factors, including: listening, criticality and dialogue.

**Keywords:** Opinion formation. School practice. Criticality. Listening. Dialogue.

---

<sup>1</sup> Formada no Curso Normal em Nível Médio, professora de Educação Infantil e acadêmica do curso de Letras Português e Inglês no Instituto Superior de Educação Ivoti. Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul.

E-mail: [nayane.ludwig@institutoivoti.com.br](mailto:nayane.ludwig@institutoivoti.com.br)

<sup>2</sup> Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia - São Leopoldo, Mestre em Educação pela UNISINOS/ São Leopoldo/ RS, Professora no Instituto Superior de Educação Ivoti.

E-mail: [marguit.goldmeyer@institutoivoti.com.br](mailto:marguit.goldmeyer@institutoivoti.com.br)

## 1 INTRODUÇÃO

Na disciplina de Laboratório de Experiências de Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa, os estudantes realizaram duas observações em uma turma de primeiro ano do ensino médio na cidade de Ivoti. Além disso, foram responsáveis pela mediação de quatro aulas, mediadas em sextas-feiras, nos dias: três, dez, dezessete e vinte e quatro de setembro e oito e quinze de outubro. A preparação para todos os momentos foi em conjunto, portanto, o planejamento também propiciou momentos de interação e exposição de ideias entre os acadêmicos da disciplina.

O presente artigo se baseia em algumas partes da prática realizada, com o objetivo de compreender aspectos que desenvolvam a formação do pensamento crítico e, conseqüentemente, a elaboração de argumentos e de opiniões, dentre eles: escuta, criticidade e diálogo. As falas dos alunos e atividades são destacadas, de modo a serem embasadas por autores como Paulo Freire e John Hattie, Base Nacional Comum Curricular (BNCC), além de outros autores que dissertam acerca da temática: opinião, Língua Portuguesa no Ensino Médio e jovem como aluno protagonista.

Ao iniciar os planejamentos, percebeu-se certa insegurança com relação à inserção de momentos que estimulem a exposição de ideias e pensamentos argumentativos. Por isso, o intuito é compilar ideias que surgiram e foram colocadas em prática nas aulas mediadas pelos estudantes e expor tópicos importantes para essa prática que se objetivava.

As seções são organizadas de forma linear. Inicia-se com as aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio que devem ser significativas. Em seguida, apresentam-se aspectos relevantes acerca dos jovens da atualidade. A criticidade, a escuta e a formação de opinião

são expostas como essenciais para a prática pedagógica. Além disso, há o eco das vozes dos discentes da turma escolhida, expondo momentos práticos da reflexão que se propõem no artigo.

As observações e mediações realizadas são relevantes para docentes formados ou em formação, uma vez que a partir delas se podem observar diferentes temáticas e experiências. A temática da prática escolar, que objetiva a construção do pensamento crítico e argumentativo, está presente na elaboração do planejamento. A seguir, oferta-se ao leitor, um apanhado de reflexões acerca do desenvolvimento da criticidade e argumentação.

## 2 LÍNGUA PORTUGUESA: AULAS SIGNIFICATIVAS PARA O ENSINO MÉDIO

A fim de que se tornem significativas, as aulas devem considerar o mundo líquido em que vivemos. As relações estão cada vez mais individualistas e não se tornam significativas. Assim sendo, a criação de vínculos torna-se escassa, uma vez que se entende os jovens como frutos de uma sociedade que estimula o egocentrismo.

Nessa análise, a sociedade de consumo e o desenvolvimento da tecnologia acabam tendo papel decisivo para facilitar o individualismo. “Os telefones celulares ajudam a ficarmos conectados àqueles que estão a grandes distâncias. Mais do que conectar, os celulares permitem preservar essa distância.” (MENEZES, 2021)

Dessa forma, relaciona-se a tecnologia com um dos fatores que influenciam a dinâmica social. Os celulares e as redes sociais, por exemplo, podem estabelecer barreiras ou pontes para as relações interpessoais. O que antes demandava tempo, atenção e reciprocidade em situações presenciais, agora se facilita com as mídias sociais, que são fontes de informações

instantâneas. Esse excesso de situações que demandam foco de maneira concomitante faz com que as reações se tornem menos significativas.

Ainda assim, o consumo é intensificado, principalmente, por essa característica da pós-modernidade. Para Bauman (2000 apud MENEZES, 2019), “a jornada individualista no mundo do consumo sustenta ideologicamente o enriquecimento voraz daqueles que já dispõem de dinheiro e posses.” Infelizmente, há dificuldade, ainda, na ascensão social, posto que a imposição da sociedade consumista, capitalista e individual favorece os que já estão no topo da hierarquia. Conforme dados da CNN Brasil, cerca de 29,5% dos jovens das famílias brasileiras de renda mais baixa encontram-se em defasagem escolar, ainda no ensino fundamental, ou simplesmente estão fora da escola, por abandono ou evasão. Os dados são do Anuário Brasileiro da Educação Básica de 2021. No Brasil, sabe-se que a educação não se faz presente na vida de muitos jovens, o que preocupa, uma vez que a educação, que seria ferramenta de poder social, não é oportunizada para todos.

De modo a visar às necessidades e características do contexto, a partir de uma reflexão acerca da sociedade contemporânea, as aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio devem ser baseadas em um documento nacional que foi publicado em 2017. De certa forma, mostra-se como meio de combater um dos grandes problemas da sociedade, a falta de acesso ao estudo como ferramenta de evolução para o indivíduo. Por isso, também, a BNCC tem como objetivo estabelecer o mínimo de objetos do conhecimento para ser mediado em todas as escolas no território nacional.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos

os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2017, p. 7)

Dessa forma, propõe competências gerais a serem desenvolvidas ao longo da Educação Básica. Entre elas, há quatro que se sobressaem quando o tema é pensamento crítico ou argumentativo: 1) Conhecimento, de modo a valorizar e utilizar; 2) Repertório cultural, apropriar-se para ter mais argumentos com solidez; 3) Cultura digital, uma vez que pode ser fonte de pesquisa; 4) Argumentação, habilidade necessária para se manifestar com criticidade.

Segundo Perrenoud (1999 apud EDUCAÇÃO, 2020), a “Competência é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.). Para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações”. Ao compreender isso, entende-se o compromisso da BNCC em formar cidadãos críticos, reflexivos e competentes para a vida em sociedade e mercado de trabalho.

O documento nacional se organiza por etapas e a do Ensino Médio é a que está em questão no presente artigo. Uma das competências específicas da Língua Portuguesa para a faixa etária é: Leitura, escuta, produção de textos (orais, escritos, multissemióticos) e análise linguística/semiótica. As práticas que foram propostas à turma eram baseadas, portanto, de forma essencial na competência citada acima.

Uma das abordagens utilizadas foi a proposição de desafios, de modo a se aproveitar a curiosidade natural humana. Sendo assim, a partir da produção de textos (orais ou escritos), da leitura e da escuta, os discentes desenvolvem seu

pensamento crítico e ampliam seu repertório cultural, social e político para a argumentação.

O aprendiz é um sujeito protagonista no seu próprio processo de aprendizagem, alguém que vai produzir a transformação que converte em informação em conhecimento próprio. Essa construção pelo aprendiz não se dá por si mesma e no vazio, mas a partir de situações nas quais ele possa agir sobre o objeto de seu conhecimento, pensar sobre ele recebendo ajuda, sendo desafiado a refletir. (WEISZ, 2004 apud AMBRÓSIO, 2021).

Da mesma forma, o pensamento complexo, desenvolvido pela interdisciplinaridade, sobressai-se como meio para atingir o que se espera das aulas. A educação tradicional, separada exclusivamente por disciplinas que não conversavam entre si, apenas expõe conteúdos que dizem respeito ao assunto específico abordado. Nas aulas planejadas, objetivou-se quebrar o paradigma, propondo momentos em que a complexidade acontece, com Geografia, Língua Portuguesa, História e Literatura.

O pensamento complexo tenta religar o que o pensamento disciplinar e compartimentado disjuntou e parcelarizou. Ele religa não apenas domínios separados do conhecimento, como também - dialogicamente - conceitos antagônicos como ordem e desordem, certeza e incerteza, a lógica e a transgressão da lógica. É um pensamento da solidariedade entre tudo o que constitui a nossa realidade; que tenta dar conta do que significa originariamente complexus: “o que tece em conjunto”, e responde ao apelo do verbo latino complexere: “abraçar”. O pensamento complexo é um pensamento que pratica o abraço (MORIN, 1997, p. 11 apud CAMPOS et al., 2018, p. 96)

Sendo assim, percebe-se que as aulas de Língua Portuguesa, assim como

todas da Educação Básica, devem-se basear, também, em uma prática que promova o pensamento complexo a partir da interdisciplinaridade. A leitura, a produção e a escuta se tornam essenciais para que o docente consiga atingir um ambiente de múltiplos saberes, a fim de promover um pensamento complexo, crítico, reflexivo e dialógico. Assim, os discentes estarão aptos para viver em uma sociedade que exige posicionamento, seja político, cultural ou social.

## 2.1 Jovem: aluno protagonista do ensino médio

A sociedade está em constante evolução. Por isso, o aluno se mostra diferente do século passado, o que se apresenta como nada mais do que o reflexo do que vivencia. Referenciando o livro “Sociedade do Cansaço” de Byung Chul, Retieri (2019, p. 229) diz que: “A pronta resposta que é hoje universalmente exigida, na verdade, não vai além da reação a estímulos. O tipo de atenção próprio a esse contexto é a ampla, mas ao mesmo tempo rasa, dispersa e rapidamente cambiante.” Por isso, percebe-se que a vida desse jovem, que deve ser protagonista, está exposta a diferentes estímulos e nem sempre consegue responder a eles com êxito.

Outrossim, para Han (apud RETIERI, 2015, p. 32), “As mais recentes evoluções sociais e a mudança de estrutura da atenção aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem.” Ainda, pensa-se a humanidade como animais, que não conseguem concentrar sua atenção em apenas uma demanda, mas sim várias, o que dificulta o processo de internalização das informações obtidas. Ou seja, a sociedade em que os alunos em questão estão inseridos é a do cansaço. Segundo Hegel (apud RETIERI, 2015, p. 57), “é precisamente a negatividade que mantém viva a existência”, característica forte do corpo social do século

passado, que era envolvido pela disciplina e pela resiliência de ultrapassar até mesmo guerras, como a Guerra Fria (1947-1989).

Ainda assim, para alcançar um jovem da era digital, que não se adapta aos padrões da educação tradicional, o documento apresenta um ponto de vista contemporâneo. Apresenta a ideia de incorporar a cultura digital para os letramentos e objetos de conhecimentos necessários para cada ano. Dessa forma, a prática educativa se apresenta como o que se espera da educação, que deve sempre acompanhar as mudanças do mundo, que se tornou imediatista e com informações abundantes por meios que discutam a atenção das pessoas, que nem sempre conseguem se mostrar atentas a todos os estímulos.

Do ponto de vista das práticas contemporâneas de linguagem, ganham mais destaque, no Ensino Médio, a cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, os processos colaborativos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais, (BRASIL, 2017, p. 498)

A partir disso, entende-se que a prática escolar está sendo transformada em digital. Espaços colaborativos, seja entre funcionários da escola ou professores e alunos, propiciam uma aprendizagem mais autônoma, com espaço para o protagonismo estudantil, posto que a utilização de recursos tecnológicos, como mídias e redes sociais, oferece uma maior propriedade para atuar em sua própria aprendizagem. Além disso, ao se apropriarem de conhecimentos distintos, o repertório para argumentação e posicionamento será vasto.

Para responder a essa necessidade de recriação da escola, mostra-se imprescindível reconhecer que as rápidas transformações na dinâmica social contemporânea nacional e internacional, em grande parte decorrentes do desenvolvimento

tecnológico, atingem diretamente as populações jovens e, portanto, suas demandas de formação. (BRASIL, 2017, p. 462)

O aluno é protagonista, um jovem que está inserido em uma sociedade dinâmica. A pluralidade é grande, as manifestações culturais estão em maior evidência e afluência. A participação ativa na sociedade deve ser característica da faixa etária. Por isso, compreende-se necessária a intervenção direta da escola, a fim de estimular esses estudantes a participarem em diferentes âmbitos sociais. Assim se exige criticidade do professor e do discente para se posicionarem criticamente frente às situações do cotidiano. A conversa e as atividades em grupo que promovam a troca de experiências e conhecimentos, nesse sentido se destacam.

Adotar essa noção ampliada e plural de juventudes significa, portanto, entender as culturas juvenis em sua singularidade. Significa não apenas compreendê-las como diversas e dinâmicas, como também reconhecer os jovens como participantes ativos das sociedades nas quais estão inseridos, sociedades essas também tão dinâmicas e diversas. (BRASIL, 2017, p. 462-463)

A educação deve ser dinâmica e maleável. As práticas escolares, assim como a BNCC propôs, modificaram-se ao longo do tempo para atender os jovens que a cada tempo se transformam devido aos contextos sociais, culturais e políticos da sociedade em que estão inseridos. Do mesmo modo acontece no Brasil, que apresenta jovens caracterizados pelo desempenho, que são motivados e autônomos em seus projetos. Não há mais espaço para seres de obediência, a produção e o protagonismo se destacam na geração.

Com relação às Neurociências, entende-se que são essenciais para a educação. Os jovens, como citado acima, estão inseridos em uma sociedade líquida,

rasa e de muitos elementos concomitantes que disputam a atenção. Para Cosenza e Guerra (2011, p.49), “o cérebro não tem necessidade, nem capacidade, de processar todas as informações que chegam a ele. Por meio da atenção ele pode dedicar-se às informações importantes, ignorando as que são desnecessárias.” Por isso, sabe-se que as aulas, para esse aluno, do século XXI, devem ser significativas e com uso no planejamento do docente, de apontamentos das Neurociências para facilitar a prática.

Dessa maneira, os estudos de Cosenza e Guerra, no livro: *Neurociência e Educação: como o cérebro aprende*, cita como importante que os estudos sejam significativos para os discentes. É a partir disso que as aulas devem ser mediadas, como nas práticas da turma de Laboratório de Língua Portuguesa, que trouxeram músicas, poemas e cartas para introduzir assuntos acerca do período literário do Quinhentismo. Esses recursos, na prática, são interligados com o contexto social, político ou cultural do educando.

Essa é uma boa notícia para os professores, ao mesmo tempo que é, talvez, o maior desafio que têm no ambiente escolar. Podemos dizer que o cérebro tem uma motivação intrínseca para aprender, mas só está disposto a fazê-lo para aquilo que reconheça como significativo. Portanto, a maneira primordial de capturar a atenção é apresentar o conteúdo a ser estudado de maneira que os alunos reconheçam como importante. (COSENZA; GUERRA, 2011, p. 49)

Além da prática significativa, o ambiente da aprendizagem é importante para que haja estímulo ao protagonismo dos discentes. A atenção é uma habilidade imprescindível para que isso ocorra. Atividades e ambientes de interação são possibilidades para a participação do discente, que podem desenvolver a criticidade, escuta e a formação de opinião. Em uma das aulas ministradas, a partir da leitura da

carta de Pero Vaz de Caminha, foi realizado um mapa conceitual, escrito e organizado por todos, por meio de duplas. Percebeu-se um bom desempenho e compreensão dos participantes em outros momentos em que exploraram os conceitos.

Um ambiente estimulante e agradável pode ser criado envolvendo os estudantes em atividades em que eles assumam um papel ativo e não sejam meros espectadores. Lições centradas nos alunos, o uso da interatividade, bem como a apresentação e supervisão de metas a serem atingidas são também recursos compatíveis com o que conhecemos dos processos atencionais. (COSENZA; GUERRA, 2011, p. 49)

Em suma, assimilam-se os conhecimentos de Neurociências, com conceitos sobre atenção, por exemplo, e as informações de sociólogos acerca da atualidade como aliadas para estimular o protagonismo juvenil. Isso deve ser não só em sala de aula, como também na vida em sociedade. As atividades propostas, em ambientes que possibilitam menos distrações, são imprescindíveis para o jovem que vive em uma sociedade dinâmica, digital e individualista.

## 2.2 Criticidade, escuta e formação de opinião

O conteúdo da aula ministrada em vinte e quatro de setembro de 2021 foi o período literário brasileiro Quinhentismo, de forma mais específica, a literatura jesuítica. Nesta aula, percebe-se, de forma explícita, o uso de diferentes dinâmicas que proporcionaram uma mediação de êxito. Os discentes responsáveis pela mediação trouxeram diferentes ferramentas para o aprendizado, como a música “Todo dia é dia de índio” de Jorge Ben Jor. Concomitante a isso, houve um estímulo para o desenvolvimento da autonomia, criticidade, escuta e formação de opinião.

Segundo Freire (2015), um dos

saberes necessários à prática educativa é a criticidade. Sendo assim, a formação de opinião e argumentos para defender uma tese é muito importante. A partir do despertar da curiosidade, como pela música citada acima, as opiniões se formam de maneira crítica. Os temas escolhidos para serem propostos à turma, a fim de proporcionar um momento de discussão, são essenciais para o desenvolvimento de um debate, uma conversa, seja em pequenos ou grandes grupos.

Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita e indócil. (FREIRE, 2015, p.33)

Além da música, foi escolhido um trecho do filme: A missão: encontro com índios. A partir da curiosidade, há o descobrimento de ferramentas que são da realidade dos discentes e tornam as aulas mais propensas ao diálogo ou à exposição de ideias. O crescimento, a superação da curiosidade ingênua para uma epistemológica, efetua-se a partir de exercícios como esse, que instigam o discente a conversar, expor e formar ideias consistentes a partir de um embasamento, como o trecho do filme. Acontece tanto para quem propõe, quanto para quem recebe. Assim, conforme Freire (2015, p. 32) “A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica”.

Ademais, o ato de escutar é significativo para a prática escolar. O docente que escuta, compreende e analisa tudo o que acontece em sala, obtém um maior êxito na docência. O professor fala com e não fala para, dessa forma, o ensino é

democratizado, há diálogo e não uma situação hierarquizada. Sendo assim, ao propor atividades que tenham cunho social, tal como a música de Jorge Ben Jor, os discentes expõem suas opiniões, além de modificá-las e ouvir novas justificativas.

O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o direito de dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo. (FREIRE, 2015, p.33)

Portanto, entendem-se essas práticas como um estímulo à autonomia, debate, posicionamento e diálogo. Esse processo acontece tanto na preparação para a aula quanto na execução em sala. De acordo com Hovland, Janis e Kelley (1953, p. 6 apud BAPTISTA, 2001, p. 2), “a opinião como uma reação verbal ou resposta implícita que um indivíduo dá em presença de uma determinada situação estimulante na qual uma questão de ordem geral foi suscitada”.

A educação, quando baseada na autonomia, apresenta-se como pilar necessário para uma sociedade mais justa, igualitária e crítica. As práticas escolares que, por meio de professores capacitados e orientados à criticidade e escuta, tornam o aprendizado mais significativo para a formação integral do educando. A relação com situações do cotidiano, questões sociais e culturais para tratar dos conteúdos programáticos é um meio que facilita e potencializa a prática.

O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram um sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia. (MORIN, 2011, p.34)

Em suma, a aula comentada foi exemplar para uma prática educativa significativa, em que se propõem: criticidade, formação de opinião, autonomia e reflexão. A elaboração de uma paródia a partir de uma música com cunho crítico e social, além de diálogo a partir do trecho do filme, são ferramentas que resultam de uma prática educativa que exigiu saber escutar e criticar. Dessa forma, a formação de opinião a partir de um contexto bem definido auxilia os discentes e docentes no processo de maturação de suas ideias e curiosidades empíricas a fim de resultar em um conhecimento epistemológico, com base em reflexões e debates em grupo.

### 2.3 Aprendizagem autônoma

A aprendizagem autônoma acontece quando o docente se dispõe a participar das metodologias que propiciam momentos em que a aprendizagem se torna significativa. Para isso, os estudantes devem ser protagonistas e assim aconteceu durante as aulas ministradas pelos acadêmicos.

#### 2.3.1 Prática: desenvolvimento do pensamento

Durante a aula ministrada em oito de outubro de 2021, os discentes foram desafiados a estudar por estações; dessa forma, a autonomia teve papel principal. O tema central, Hans Staden como representação da Literatura Informativa, apresentou a importante figura que ele foi para os registros do período literário do Quinhentismo.

A Rotação por Estações de Aprendizagem consiste em criar uma espécie de circuito dentro da sala de aula. Cada uma das estações deve propor uma atividade diferente sobre o mesmo tema central - ao menos uma das paradas deve incluir tecnologia digital. A ideia é que os estudantes, divididos em pequenos

grupos de 4 ou 5 pessoas, façam um rodízio pelos diversos pontos. (SASSAKI, 2016)

Nas estações foram utilizados diferentes recursos, como: vídeos, arte, mapas e elaboração de bússola. Nos grupos, cada um foi desafiado a conhecer uma parte da história de Staden e sua contribuição ao período estudado. O uso dessas ferramentas promove a aprendizagem significativa. Além de elementos atuais, é valioso resgatar os que se tornaram menos recorrentes na atualidade, como o jornal. Em um dos momentos, os discentes leram uma reportagem em jornal e a reação de um deles foi *“Estou me sentindo velha lendo jornal”*.

Em outro momento, o grupo foi desafiado a ler um trecho de uma obra de Hans Staden, que disserta acerca do canibalismo indígena. Após, deveriam levantar hipóteses sobre o que aconteceria na sequência. Sendo assim, percebeu-se uma aluna dizendo: *“Me ajudem, tem que ler ali para entender”*. A boa interação entre o grupo é essencial para um bom desenvolvimento da tarefa e eles perceberam essa necessidade.

#### 2.3.2 Intencionalidades da aula

Antes de mediar as aulas, os estudantes da disciplina de Laboratório analisaram e discutiram a respeito dos objetivos da aula em questão ou de uma série delas. Os tópicos a serem alcançados, que o professor escolhe para cada momento culminam em uma aprendizagem satisfatória ou não. Desse modo, compreende-se que as informações e reflexões que os discentes tiveram no dia, por meio da aprendizagem por rotação de estações, foram bem estabelecidas, a fim de que os objetivos fossem alcançados: 1) Apresentar a história de Hans Staden - Literatura Informativa, intercultural; 2) Aprofundar os conhecimentos do Quinhentismo; 3) Colocar os alunos em contato



com o primeiro texto narrativo do Brasil.

Os objetivos de aprendizagem descrevem o que nós queremos que os alunos aprendam e sua clareza está no centro da avaliação formativa. A menos que os professores sejam claros a respeito do que eles querem que os alunos aprendam (e sobre como o resultado dessa aprendizagem se parece), eles dificilmente desenvolverão uma boa avaliação daquela aprendizagem. (HATTIE, 2011, p. 44)

Em resumo, para Hattie (2011, p. 44), sabe-se que há aprendizagens que estão estabelecidas nos objetivos e outras que acontecem durante a prática, que podem ser boas ou ruins. Portanto, cabe ao professor mediar e estabelecer estratégias que auxiliem no bom desenvolvimento da aula, que deve suscitar em conhecimentos significativos.

### 2.3.3 Autonomia: formação de opinião

É dever da escola proporcionar momentos que estimulem a autonomia dos alunos e, na aula sobre Staden, não foi diferente. Durante momentos democráticos e de socialização, como na rotação das estações, os discentes dialogam e constroem suas opiniões e contestações acerca do item proposto de análise.

O papel da escola é justamente esse: fazer compreensível o significado dos conceitos das normas e valores, se esforçar para torná-los visíveis, assimilar os valores no seu comportamento ao conscientizá-los na sua relação com os outros alunos afirmando sua autonomia, estabelecer limites aos exercícios da liberdade, contribuir para uma convivência democrática. (SERRANO, 2018)

Além disso, sabe-se que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), os alunos devem “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como

forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas”. A contemplação desse objetivo é clara, uma vez que os discentes foram estimulados ao pensamento coletivo e à formação de opinião acerca do Quinhentismo, o que foi bem estruturado e embasado por trechos de filmes, de uma narrativa de Hans Staden e relação com o Modernismo.

Portanto, entende-se que a autonomia é um agente de formação de opinião, ao proporcionar práticas de diálogo, discussão e levantamento de hipóteses. Quando um aluno diz “*Me ajudem, tem que ler aqui para entender*”, percebe-se um interesse e uma percepção de que a pesquisa, a leitura e o diálogo são importantes para que cheguem a uma conclusão de opinião que pode ser exposta posteriormente

## 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do presente artigo consistia em compreender aspectos da prática escolar que possibilitam a formação de opinião dos discentes. Nesse sentido, a fim de elencar elementos, foram observadas e mediadas aulas em uma turma de primeiro ano do Ensino Médio na cidade de Ivoti. Os responsáveis pela prática foram os estudantes da turma: Laboratório de Experiências de Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa do Instituto Superior de Educação Ivoti.

Durante a elaboração e mediação das aulas, foram destacadas estratégias importantes para o desenvolvimento do pensamento crítico ou argumentativo. Sendo assim, observa-se que a prática escolar é essencial para a formação de opinião, que pode ser estimulada por diferentes fatores, dentre eles: escuta, criticidade e diálogo.

A partir disso, baseado na BNCC e autores como o Paulo Freire, destaca-se que o desenvolvimento da autonomia e reflexão é necessário para as aulas que

devem atender às competências gerais e específicas propostas pelo documento, com o intuito de formar cidadãos competentes para a vida em sociedade e mercado de trabalho, imersos em uma esfera de individualidade e relações líquidas. As Neurociências são protagonistas, a juventude é estimulada a partir da compreensão de fatores como a atenção, o que pode ocorrer partir de ferramentas interativas e colaborativas.

Outrossim, entende-se a observação das aulas, o eco das vozes dos jovens uma maneira de se avaliar as aulas e as práticas utilizadas. Considera-se a cultura digital e a percepção de que o aluno está inserido em uma sociedade dinâmica, unidades importantes para a boa participação dos discentes, além da construção significativa de conhecimentos. São atividades como: utilizar músicas atuais para contextualizar conteúdos; formação de grupos, momentos de análise de textos ou situações; provocação com questionamentos que aceitam apenas o sim e não o porquê; utilização de meios digitais como ferramenta para obterem argumentos fundamentados, além de apresentar as fontes em que foi pesquisado.

Em suma, nota-se grande influência dos docentes na prática escolar com escuta, diálogo e criticidade. O planejamento crítico, que exige diferentes competências do autor, permite que a aula seja elaborada de maneira coerente. Elementos como a música de Jorge Ben Jor e a aprendizagem por estações apresentam aos discentes momentos enriquecedores de remodelação de opiniões, internalizados com bons argumentos a partir de um repertório cultural adquirido durante as aulas. Além disso, entende-se como ponto de partida para outras reflexões acerca da educação e a criticidade.

## REFERÊNCIAS

- AMBRÓSIO, S. Protagonismo discente: uma prática desafiadora e inovadora na educação básica. **Brasil Escola**, 20 ago. 2021. [Visualizar item](#)
- BAPTISTA, D. M. Informação voltada para a formação de opinião: uma revisão da literatura. **Informação & Sociedade: Estudos**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 1-15, 2001. [Visualizar item](#)
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. [Visualizar item](#)
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2017. [Visualizar item](#)
- CAMPOS, A. L. A. *et al.* A interdisciplinaridade segundo Edgar Morin e Alzira Lobo de Arruda Campos. **Unifal em Pesquisa**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 93-107, abr. 2018. [Visualizar item](#)
- COELHO, L.; MAIA, R. Apenas 75,5% dos jovens mais pobres não têm acesso ao ensino médio. **CNN Brasil**, São Paulo, 23 ago. 2021. [Visualizar item](#)
- COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. **Neurociências e Educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- EDUCAÇÃO para as competências por Philippe Perrenoud. **Portal Educação**, 14 fev. 2022. [Visualizar item](#)
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- HATTIE, J. **Aprendizagem visível para professores**: como maximizar o impacto da aprendizagem. Porto Alegre: Penso, 2017.

MENEZES, T. Zygmunt Bauman: pensamentos profundos num mundo líquido. **Super Interessante**, São Paulo, 20 jan. 2021. [Visualizar item](#)

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

RETIERI, R. P. Resenha: HAN, B.-C. Sociedade do cansaço. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. **Trans/Form/Ação**, Marília, SP, v. 42, n. 4, p. 223-226, out./dez. 2019. [Visualizar item](#)

SASSAKI, C. Para uma aula diferente, aposte na rotação por Estações de Aprendizagem. **Nova Escola**, São Paulo, 21 out. 2016. [Visualizar item](#)

SERRANO, G. O papel da escola na formação do cidadão. **Brasil Escola**, 2018. [Visualizar item](#)

**Recebido em: 15/04/2022**  
**Aceito em: 01/05/2022**